




EM BUSCA DO PONTO DE VISTA DAS CRIANÇAS¹ In search of children's point of view

Kátia Adair **AGOSTINHO**
Departamento de Metodologia de Ensino
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil
katia.ufsc@gmail.br
<http://orcid.org/0000-0003-0261-9790> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

O texto percorre a trajetória de estudos do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN) em busca do ponto de vista das crianças nas pesquisas. Nele, localizaremos os primeiros passos das pesquisas com crianças do núcleo, mapeando os estudos que impulsionaram este percurso de investigação e os interesses que os motivaram. Em seguida, apresentaremos o conjunto das pesquisas, autorias, metodologias, crianças pesquisadas e algumas contribuições profícuas para aprofundar a compreensão sobre as crianças, suas infâncias e sua educação. Após, trataremos das pesquisas com crianças mais recentes atualizando o mapeamento da produção do NUPEIN. Ao final, destacamos que essas duas décadas de pesquisas com crianças nos ensinaram que para a docência na Educação Infantil o reconhecimento de ponto de vista infantil é imprescindível.

PALAVRAS-CHAVE: NUPEIN. Pesquisa com Criança. Docência na Educação Infantil.

ABSTRACT

The text follows the trajectory of studies by the Center for Studies and Research on Education in Early Childhood (NUPEIN) in search of the point of view of children in research. In it, we will locate the first steps of research with children from the nucleus, mapping the studies that drove this research path and the interests that motivated them. Then, we will present the set of research, authorship, methodologies, researched children and some useful contributions to deepen the understanding of children, their childhoods and their education. Afterwards, we will deal with research with children more recent by updates the mapping of NUPEIN production. In the end, we highlight that these two decades of research with children have taught us that for teaching in Early Childhood Education, recognition from a children's point of view is essential.

KEYWORDS: NUPEIN. Research with Children. Teaching in Early Childhood Education.

¹ O título homenageia – Ana Beatriz Cerisara fazendo referência ao seu texto – Em busca do ponto de vista das crianças nas pesquisas educacionais: primeiras aproximações. Gratidão, Bea!

NOS FIOS DA TRAMA DESTA COLETIVO

Dizer daquilo que fazemos parte é intenso e profundo. A história revisitada e corporificada em mim exige partilha e vem acompanhada desse tom de afecção: por uma história vivida, um coletivo partilhado e nossas defesas. As palavras, cada uma delas lapidadas, ruminadas, nascem de uma alegria e compromisso de narrar a nossa trajetória de estudos e pesquisas na Educação Infantil no NUPEIN, por saber da fundamental tarefa da memória e pela insistência e defesa de nossas posições, para compartilhar com os pares e com todas e todos comemorar estes trinta anos!

O NUPEIN, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, que já foi Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação de 0 a 6 anos (NEE0a6), foi e é tecido/tramado a muitas mãos. Em seus primeiros passos, entre 1990 e 1991, já demarcava esta posição coletiva – juntos: Ana Beatriz Cerisara, Eloisa Acires Candal Rocha e João Josué da Silva Filho fundaram o núcleo e, durante anos, abriram muitas frentes de estudos e pesquisas que abrangeram a graduação, pós-graduação e redes públicas de ensino. Neste trajeto, muitos outros nos constituíram/constituem e deram/dão sua contribuição particular. Neste ano de 2021 temos noventa e sete concluintes de mestrado, doutorado e pós-doutorado e quatro mestrados e dois doutorados em andamento, além das formações em iniciação científica e Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia.

Para contar essa história, precisamos localizar nossos primeiros passos nas pesquisas com crianças no núcleo, em que mapearemos os estudos que impulsionaram este percurso de investigação e os interesses que as motivaram, destacando alguns importantes aprendizados que fomentaram mais de 2 décadas de pesquisas com crianças no nosso coletivo, apresentar o conjunto das pesquisas com foco nas crianças, autorias, metodologias, crianças pesquisadas e algumas contribuições que nos parecem profícuas para intensificarmos nossa compreensão sobre as crianças, suas infâncias e sua educação, relevantes para o debate acerca da especificidade da área, em que as brincadeiras, interações e as diferentes linguagens são confirmadas pelas ações das crianças, captadas nos estudos realizados, como importantes formas pelas quais agem e expressam seus modos próprios geracionais de viver e apreender a vida. Esses indicativos das pesquisas fortalecem as defesas que a área vem construindo, expressas nas DCNEI (2009) e na pedagogia da infância que é a matriz para o desenvolvimento das pesquisas do núcleo. E por fim, apresentar as pesquisas com crianças mais

recentes, que atualiza o mapeamento da produção do NUPEIN, com destaque ao que para nós é fundamental – para a docência na Educação Infantil o ponto de vista das crianças é imprescindível.

PRIMEIROS PASSOS DO NUPEIN EM PESQUISAS COM CRIANÇAS

Localizar os primeiros passos em trinta anos de trajetória do NUPEIN nas pesquisas com crianças, mesmo diante do desafio e risco, é importante para compreendermos o contexto e seus motivos, para que possamos partilhar o que temos produzido e seu desencadeamento, nossos conhecimentos acumulados e inquietações que persistem, considerando que este ato traduz/documenta importantes contribuições para a área de Educação Infantil no país e para além dele.

Para realizar tal intento tomei nas mãos a dissertação da Rosa Batista (1998) – *A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido* –, a tese de Eloisa Acires Candal Rocha (1999) – *A pesquisa em educação infantil no Brasil. Trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma Pedagogia de Educação Infantil* – e o texto de Ana Beatriz Cerisara (2003) – *Em busca do ponto de vista das crianças nas pesquisas educacionais: primeiras aproximações*. Este conjunto de estudos já revelam o nosso interesse em ouvir as crianças e sua temporalidade, que se inaugura na década de 90, momento de efervescência de lutas pelos direitos das crianças – Constituição Federal (1988), Estatuto da Criança e Adolescente (1990), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), documento Critérios para um Atendimento em Creches e Pré-Escolas que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças (BRASIL, 1995) etc.

Rosa Batista, ao adentrar nos meandros da pesquisa, para pensar a rotina na Educação Infantil, foi reconhecendo as crianças, “entre perplexa e fascinada” (p.24). Ela nos conta que se “surpreendeu” (p.23) e pormenoriza aspectos importantes de serem ressaltados:

A realidade observada através deste estudo exploratório colocou em xeque **o lugar dado à criança** no primeiro momento desta pesquisa, a de um sujeito passivo, que só se acomoda, que só se submete e que se enquadra no tempo e no espaço da creche sem muitas possibilidades de reação. Constatei que, ao centrar minha atenção no papel que o adulto assumia, acabava vendo a criança apenas como um ser secundário que passava a maior parte do tempo “esperando” e/ou sendo submetida às exigências dos adultos. Mudar o foco do meu olhar “do adulto” para “as crianças” foi, no meu entender, um salto qualitativo no transcorrer desta pesquisa. Digo isso, porque um dos grandes problemas das pesquisas na área da educação infantil é o fato de fazer suas análises sempre referenciadas ao ponto de vista do adulto. [...] a dificuldade que temos, de um lado, de **romper com uma visão adultocêntrica** e, de outro, de

encontrar formas de captar as manifestações das crianças, uma vez que estas não se expressam na forma convencional adulta (BATISTA, 1998, p.23-24, Grifos nossos).

As expressões “entre perplexa e fascinada” e “surpresa”, usadas pela autora, nos revelam o panorama de desafios que se apresentaram no encontro com as crianças e suas infâncias imersas em contextos de educação infantil. Na cotidianidade da investigação, Rosa, com sensibilidade e saber, vai reconhecendo o lugar das crianças na ação pedagógica, interrogando sua invisibilização e/ou secundarização, apreendendo delas sua contribuição para pensar a rotina institucional. Entre os desafios vividos, a autora ressalta a importância de romper com o adultocentrismo e a necessidade de pensar em formas de captar o ponto de vista das crianças, dilemas que se apresentam ainda hoje para as pesquisas e, com mais intensidade, na ação pedagógica.

Concomitante ao estudo de Rosa Batista, tivemos a tese de doutorado de Eloisa Rocha, que se propôs “investigar as pesquisas que tratam da educação infantil, tendo em vista traçar sua trajetória recente e mapear suas perspectivas para a consolidação de um campo particular na área da Educação” (ROCHA, 1999, p.11). Seu estudo revela nosso interesse fundamental de investigação – a docência na educação infantil – e traz para o centro de nossas atenções a importância de que ao

Pensar, analisar e perspectivar a educação de crianças em contextos institucionais educativos específicos exige que se retomem os diferentes níveis de análises sobre a criança, percebendo-se as diferentes dimensões de sua constituição e percebendo-a como **um outro a ser ouvido** e recebido. (ROCHA, 1999, p.52, Grifos nossos).

Seus estudos trouxeram muitas contribuições para o núcleo, afirmando sobremaneira a importância de ouvir as crianças, sublinhando a importância da interlocução entre diferentes áreas disciplinares para a compreensão da complexidade das crianças, infâncias e sua educação e o enfrentamento das dicotomias históricas entre liberdade e subordinação, entre natureza e cultura e entre atenção, controle etc., destacando o papel fundamental que opera o pertencimento social. A autora chama nossa atenção para levarmos em conta a heterogeneidade das formas de contextualização social da criança com um olhar preocupado em apreender a diversidade, buscando conhecer a criança concreta, seu pertencimento social e determinações socioculturais. (ROCHA, 1999).

Fomos, cada vez mais, nesta caminhada de reconhecimento da importância de ouvir as crianças e buscar suas contribuições geracionais e, em 2003, Ana Beatriz Cerisara, em seu texto *Em busca do ponto de vista das crianças nas pesquisas educacionais: primeiras aproximações*, faz nossa primeira síntese dos primeiros estudos

que se dedicaram a tal empreitada até aquele momento no NUPEIN. Nesses estudos iniciais, as contribuições das crianças interrogaram a organização pedagógica que privilegia a vivência única que se contrapõe ao tempo das crianças e à vivência de seus direitos, ressaltando a importância do reconhecimento da simultaneidade de ações das crianças e sua participação, que se dá de forma indissociável entre o corpo, afeto, cognição, ludicidade, humor etc. Os estudos iniciais com as crianças como informantes orientam para a Educação Infantil uma organização temporal e espacial atenta às vivências simultâneas e plurais constitutivas das crianças pequenas (BATISTA, 1998), à importância do contato com a natureza (OLIVEIRA, 2001) e à valorização da ludicidade, diversidade cultural e multiplicidade de linguagens (COUTINHO, 2002).

Este conjunto de pesquisas com crianças contribuiu e contribui para a contraposição em relação à reprodução do modelo escolar do ensino fundamental na educação infantil. Para tanto, é central o reconhecimento do sujeito criança em toda sua inteireza e suas infâncias diversas e plurais, sempre contextualizadas, situadas. No seu percurso, as investigações enfrentaram a preocupação teórico metodológica que nos acompanha até hoje – Quais metodologias utilizar nas pesquisas com crianças? Elas são próprias? – e seguiram nossa opção de percorrer todo o trajeto de pesquisa com atenção e cuidado, sempre balizadas pela ética, utilizando diferentes instrumentos metodológicos: observações participantes, registros escritos, fotográficos e fílmicos, desenhos, conversas etc.

Esses primeiros passos do NUPEIN nas pesquisas com crianças foram fomentados pelas produções acerca das práticas na Educação Infantil do norte da Itália, com sua concepção de uma criança rica, capaz e forte e sua pedagogia da escuta (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999), pelos estudos sobre a qualidade e avaliação da Educação Infantil (ZABALZA, 1998; DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003; entre outros), com acento na importância de ouvir todos os sujeitos da ação pedagógica – profissionais, familiares e crianças – e buscando a aproximação, através de projetos coletivos, com a Sociologia da Infância Portuguesa², com a qual fortalecemos a defesa das crianças como atores sociais ativos e a valorização de sua contribuição geracional para a compreensão da sociedade e, mais especificamente, sua educação.

PESQUISAS DO NUPEIN COM FOCO NAS CRIANÇAS

² Notadamente o Professor Doutor Manuel Jacinto Sarmiento da Universidade do Minho, a Professora Doutora Manuela Ferreira da Universidade do Porto, a Professora Doutora Catarina Tomás Escola Superior de Educação de Lisboa e a Professora Doutora Natália Fernandes da Universidade do Minho.

As pesquisas com crianças no NUPEIN, que contaram com a participação delas como informantes, totalizam 35³ estudos, sendo 26 dissertações e 9 teses defendidas entre os anos de 1998 e 2019. Nesta versão do mapeamento, atualizamos os dados até o ano de 2019. Os quadros 1 e 2 apresentam os títulos das pesquisas, autorias, metodologias utilizadas e a idade das crianças pesquisadas.

Quadro 1: Dissertações de Mestrado:

TÍTULO / ANO	AUTORIA	METODOLOGIA CRIANÇAS
A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido (1998)	Rosa Batista	Crianças de 4 a 5 anos
Do outro lado: a infância sob o ponto de vista das crianças no interior da creche (2001)	Alessandra Mara Rotta de Oliveira	Pesquisa participante/ Crianças de 5 a 6 anos
As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação (2002)	Angela Scalabrin Coutinho	Observação participante/ Bebês de 1 a 3 anos
Que lugar é esse? O espaço da creche (2003)	Kátia Adair Agostinho	Pesquisa participativa/ Crianças de 0 a 6 anos
A mística, a luta e o trabalho na vida das crianças do assentamento conquista na fronteira: significações e produções infantis (2003)	Deise Arenhart	Pesquisa de campo/ Crianças de 4 a 11 anos
A "hora da atividade" na educação infantil: um estudo a partir de um centro de educação infantil público municipal (2004)	Ilona Patricia Freire Rech	Observação participante/ Crianças de 3 a 4 anos
Ser professora de bebês: um estudo de caso em uma creche conveniada (2004)	Fernanda Carolina Dias Tristão	Estudo de caso/ Bebês de 0 a 1 ano
"Vamos brincar de circo?" As brincadeiras das crianças da escola "brincando de circo" e do reality circus (2004)	Alexsandra de Souza	Pesquisa participante/ Crianças de 4 a 9 anos
Cenas de meninas e meninos no cotidiano institucional da educação infantil: um estudo sobre as relações de gênero (2004)	Arlete da Costa	Observação e registros em diário de campo// Crianças de 3 a 4 anos
"Zé, ta pertinho de ir pro parque?" O tempo e o espaço do parque em uma instituição de educação infantil (2005)	Zenilda Ferreira de Francisco	Estudo de caso do tipo etnográfico/ Crianças de 2 a 3 anos
Crianças e adultos na creche: marcas de uma relação (2005)	Altino José Martins Filho	Orientação etnográfica/ Crianças de 4 a 5 anos
Educação Infantil para além do discurso da qualidade: sentidos e significações da educação infantil para pais, professores e crianças (2007)	Janaina da Silva João	Estudo de caso de inspiração etnográfica/ Crianças de 2 a 13 anos
"Deu, já brincamos demais!" As vozes das crianças diante da lógica dos adultos na creche: transgressão ou disciplina? (2007)	Elaine de Paula	Etnografia/ Crianças de 3 a 4 anos
"Mas eu não falo a língua deles!": as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil (2008)	Rosinete Valdeci Schmitt	Orientação etnográfica/ Bebês de 4 meses a 1 ano e 3 meses
"Vai sentar, parece que tem um bicho orgulha no corpo!": o lugar das crianças no processo inicial de escolarização no ensino fundamental (2010)	Márcia Agostinho da Silva	Inspiração etnográfica/ Crianças de 6 a 7 anos

³ Neste mapeamento foram consideradas apenas as pesquisas que tiveram as crianças como informantes principais.

"Você vai ter que aprender a desobedecer!" A participação das crianças nas relações pedagógicas: um estudo de caso na educação (2010)	Giselle Silva Machado de Vasconcelos	Inspiração etnográfica/ Crianças de 3 a 6 anos
Tchau creche! Adeus creche! Vamos pra escola! (2011)	Geane de Aquino Castodi	Etnografia/ Crianças de 5 a 6 anos
Os momentos de alimentação: entre o social e o institucional (2011)	Juliana Schumacker Lessa	Estudo de caso/ Crianças de 1 a 6 anos
A constituição da linguagem e as estratégias de comunicação dos e entre os bebês no contexto coletivo da educação infantil (2011)	Joselma Salazar de Castro	Orientação etnográfica/ Bebês de 2 a 3 anos
Relações sociais na educação infantil: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero (2013)	Eduarda Souza Gaudio	Estudo de caso etnográfico/ Crianças de 4 a 5 anos
O espaço na educação infantil: a constituição do lugar da criança como indicador de qualidade (2013)	Maurícia Santos de Holanda Bezera	Etnografia: Crianças 4 a 5 anos
Inserção na creche: estudo de caso de um bebê recém chegado (2014)	Rúbia Eneida Holz Jacques	Estudo de caso: 1 Bebê de 6 meses
"Aqui a gente tem regra pra tudo": formas regulatórias na educação infantil das crianças pequenas (2015)	Aline Helena Mafra	Etnografia/ Crianças 3 a 5 anos
A inserção na relação educativo-pedagógica na educação infantil (2017)	Zoleima Pompeo Rodrigues	Etnografia/ Crianças 2 a 3 anos
O Brincar da criança com elementos da natureza no espaço do parque na Educação Infantil (2019)	Maristela Della Flora	Etnografia/ Crianças de 4 a 6 anos
O corpo dos bebês na constituição da especificidade da docência na educação infantil (2019)	Viviane Vieira Cabral	Etnografia/ Bebês de 6 a 14 meses...

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Quadro 2: Teses de Doutorado:

TÍTULO / ANO	AUTORIA	METODOLOGIA/ CRIANÇAS
Vozes infantis: as culturas das crianças Sateré-Mawé como elementos de (des)encontros com as culturas da escola (2009)	Roberto Sanches Mubarak Sobrinho	Etnografia/ Crianças de 4 a 12 anos
Formas de participação das crianças na Educação Infantil (2010)	Kátia Adair Agostinho	Etnografia/ Crianças de 3 a 5 anos
A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche (2010)	Angela Scalabrin Coutinho	Etnografia/ Bebês de 5 meses a 2 anos
Relações sociais em um contexto de Educação Infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas (2012)	Márcia Buss-Simão	Etnografia/ Crianças de 2 a 3 anos
"Vem Brincar na rua!". Entre o quilombo e a Educação Infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos (2014)	Elaine de Paula	Estudo de caso de inspiração etnográfica/ Crianças de 3 a 4 anos
A infância das crianças pequenas no contexto de acolhimento institucional: narrativas de meninas e meninos na Casa (2014)	Roseli Nazário	Etnografia/ Crianças de 0 a 6 anos
As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente (2014)	Rosinete Valdeci Schmitt	Estudo etnográfico: crianças de 6 meses a 2 anos e dois meses
O brincar e a constituição social das crianças e de suas famílias em um contexto de educação infantil (2015)	Andrea Simões Rivero	Etnografia/ Crianças de 4 a 6 anos
A participação das crianças nas relações pedagógicas (2017)	Giselle Silva Machado Vasconcelos	Etnografia/ Crianças de 5 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Mapeamentos como este de nossas pesquisas com crianças foram realizados anteriormente por Rivero e Lessa (2016) – *Perspectivas das crianças nas pesquisas: caminhos para consolidação de uma pedagogia da infância* –, apresentado no V Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias (GRUPECI), e por Agostinho; Bodenmüller e Della Flora (2018) – *Pesquisas com crianças e a docência na educação infantil: contribuições do NUPEIN*, apresentado no IV Simpósio Luso-Brasileiro de Estudos da Criança. Tivemos como intento a análise de nossas produções para a partilha com os pares nestes eventos, para que o debate contribuísse com a crítica e autocrítica, além da imprescindível tarefa de organizar e documentar a história de nossa produção.

Neles, as autoras Andréa Rivero e Juliana Lessa (2016), após um mapeamento geral, quantitativo e temporal das pesquisas com crianças realizadas de 2000 a 2015, apresentam as investigações mais recentes, do período de 2010 a 2015, em torno de quatro categorias temáticas com o objetivo de dar visibilidade a algumas das ênfases analíticas dos estudos: i) *Os bebês como informantes e partícipes das relações educativo-pedagógicas nos contextos de educação infantil* – em que reúnem pesquisas que incluíram a perspectiva dos bebês (COUTINHO, 2010; SCHMITT, 2014; CASTRO, 2011; JACQUES, 2014), centrando-se nas especificidades da docência com crianças de 0 a 3 anos de idade; ii) *As perspectivas das crianças em diversos contextos de construção das infâncias* – categoria temática com três teses (SOBRINHO, 2009; PAULA, 2014 e NAZÁRIO, 2014) que investigaram uma diversidade de contextos de construção das infâncias – comunidade indígena da etnia Sateré-Mawé no espaço urbano, comunidades quilombolas no sul do país e contexto de acolhimento institucional para a pequena infância na cidade –, ampliando nossa reflexão para cenários não-formais de educação; iii) *A educação infantil como um contexto de participação das crianças: relações sociais em espaços de educação e cuidado* – reúne as pesquisas que elegeram como objeto de estudo as formas de participação das crianças (AGOSTINHO, 2010) e a identificação e análise de suas relações sociais estabelecidas nos diferentes espaços de educação que integram a Educação Infantil (LESSA, 2011; BEZERRA, 2013; MAFRA, 2015); iv) *As dimensões da corporeidade e do brincar na constituição social das crianças* – agrupam as pesquisas das perspectivas das crianças sobre as dimensões sociais e pedagógicas que envolvem a corporeidade e o brincar nos processos de constituição social (BUSS-SIMÃO, 2012; GAUDIO, 2013; RIVERO, 2015).

Já Kátia Adair Agostinho, Saskya Bodenmüller e Maristela Della Flora alargam a temporalidade do mapeamento até 2017 e, em suas análises, reúnem os estudos em torno das temáticas que aparecem com maior recorrência no conjunto das pesquisas do levantamento: i) *As relações/interações sociais nas pesquisas do NUPEIN com a participação das crianças* – em que apenas foram analisadas as dissertações de mestrado, sendo as de Costa (2004), Martins Filho (2005), Schmitt (2008), Vasconcellos (2010), Gaudio (2013), Jacques (2014) e Rodrigues (2017)); ii) *A brincadeira nas pesquisas do NUPEIN com a participação das crianças*, com três dissertações – Agostinho (2003), Souza (2004) e Francisco (2005) – e três teses – Buss-Simão (2012), Paula (2014) e Rivero (2015).

Nesta versão atualizada de nossa produção com foco nas crianças temos trinta e cinco pesquisas, e o mapeamento feito não têm a capacidade de apresentar toda a riqueza e densidade dos estudos realizados no núcleo, tampouco é tarefa fácil detalhar toda a transversalidade das diferentes temáticas que se cruzam neles. Apresentamos possíveis aproximações às pesquisas, que foram e são realizadas com o empenho e singularidade de suas/seus pesquisadoras/pesquisadores e os contextos em que se inseriram. O quadro visibiliza todos os estudos e fica como um convite para o leitor conhecer cada um deles.

Ao analisarmos os títulos das pesquisas, vemos que eles indicam nossa principal preocupação – a educação das crianças na educação infantil –, por isso a massiva presença de nossas investigações em creches e pré-escola públicas, embora em nossa trajetória fôssemos, cada vez mais, reconhecendo a importância de conhecer as crianças e suas infâncias em outros espaços. As autorias, majoritariamente mulheres, são de professoras/professores da rede pública de educação no país, revelam nosso compromisso com os contextos públicos de educação, que são para nós nosso território de lutas e defesas. Neles, aprendemos e realizamos cotidianamente nossos encontros com as crianças, as recebemos. A etnografia, e designações afins, é a metodologia recorrentemente utilizada para o encontro com as crianças e seus contextos, com a utilização da observação, registros escritos, fotográficos e fílmicos, conversas etc. como instrumentos de geração de dados recorrentes. As crianças pesquisadas com mais recorrência foram as maiores (de 3 a 6 anos), embora em nossa caminhada de estudos fôssemos reconhecendo, no seio da heterogeneidade da infância, que os bebês e crianças bem pequena eram constituídos de singularidades importantes de serem conhecidas, o que fomentou nossos estudos com bebês e crianças bem pequenas cada vez mais, e que reverberou na produção de um conjunto de pesquisas substancial

(TRISTÃO, 2004; SCHMITT, 2008; COUTINHO, 2010; CASTRO, 2011; SCHMITT, 2014; JACQUES, 2014, CABRAL, 2019), que são importantes contribuições para a área, informando as pesquisas, formações, práticas e políticas públicas.

Das inúmeras contribuições do conjunto dos estudos nos parece profícuo ressaltar a intensidade com que o ponto de vista das crianças confirma e reafirma a brincadeira, as interações e as diferentes linguagens, embora nem sempre apareçam como foco principal. Essas temáticas são confirmadas pela ação das crianças como importantes formas pelas quais agem e expressam seus modos próprios geracionais de viver e apreender a vida. Este indicativo das pesquisas fortalece as defesas que a área vem construindo, expressas nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2009).

ESTUDOS MAIS RECENTES: ATUALIZAÇÃO DO MAPEAMENTO

Na atualização do mapeamento das pesquisas com crianças do NUPEIN, abrangendo os anos de 2017 a 2019, em nível de mestrado, encontramos os estudos mais recentes de Zoleima Pompeo Rodrigues (2017) – *A inserção na relação educativo-pedagógica na educação infantil* –, de Maristela Della Flora (2019) – *O brincar da criança com elementos da natureza no espaço do parque na educação infantil* – e o de Viviane Cabral (2019) – *O Corpo dos bebês na constituição da docência na educação infantil*.

Os referidos estudos foram realizados em contextos de educação infantil da rede pública do município de Florianópolis, sendo suas autoras professoras da educação pública e as crianças informantes das pesquisas, bebês de 6 a 14 meses em Cabral (2019), crianças bem pequenas, de 2 a 3 anos, em Rodrigues (2017) e crianças maiores, de 4 a 6 anos, em Della Flora (2019). Todos elegeram a etnografia como metodologia para a imersão nos contextos, utilizando a observação e registros escritos e fotográficos como instrumentos de pesquisa ricos para a aproximação aos modos infantis.

Rodrigues (2017), com o objetivo de compreender as relações educativo-pedagógicas estabelecidas no processo de inserção entre as crianças, suas famílias e professora ao ingressarem juntos, no início do ano letivo, adentra um contexto de Educação Infantil público e realiza uma aproximação de forma intensa das ações, relações e manifestações comunicativas das crianças entre si e com os adultos no processo de inserção. A pesquisadora, ao acompanhar os processos educativo-pedagógicos envolvendo 15 crianças e sua professora nos primeiros meses do ano

letivo, com astúcia e perspicácia realiza um estudo de folego que nos traz importantes orientações:

- i) o processo de inserção é complexo, intermitente, tem rupturas, começos e recomeços, a heterogeneidade do grupo precisa ser considerada, sendo as configurações e composições do agrupamento imbricador e fomentador de novos relacionamentos, importando considerar tanto o ingresso de crianças novas na unidade educativa, quanto a reatualização e/ou reiteração de relacionamentos já construídos pelas crianças que já estavam na unidade educativa no ano anterior;
- ii) a importância do estabelecimento de estratégias comunicacionais claras e explícitas entre os adultos – professor(a) e famílias – como base dos relacionamentos que se iniciam na inserção, e a afirmação da construção dessa relação como elemento importante e constitutivo da identidade da instituição educativa, importando a auscultação pelos diferentes canais comunicacionais entre adultos e crianças e a relação afetivo-corpórea como elemento central e intensificador das aproximações entre os mesmos, acionado pela observação mútua;
- iii) o caráter da docência como intensificador e facilitador das relações que se iniciavam, fomentando as interações com a organização de elementos que potencializavam as ações, tanto as que demandavam maior atenção e cuidados específicos para as crianças como também para lidar com a multiplicidade simultânea (SCHMITT, 2014) de eventos peculiares a um contexto de Educação Infantil, considerando as ações/relações/interações vividas entre a professora e as crianças;
- iv) a consideração do tempo no processo de inserção de modo mais fluido, flexível, tendo em vista o olhar específico para cada criança, com gradação de tempos diferenciados para atender singularidades de cada criança e suas famílias, levando em conta as marcas e pertencas familiares e sociais, bem como o espaço da unidade educativa de modo mais alargado e não somente circunscrito a sala de referência.

Della Flora (2019) dedicou-se com sensibilidade e inquietação a analisar o brincar de um grupo de 21 crianças com os elementos da natureza no espaço do parque de uma instituição de Educação Infantil pública. De sua pesquisa temos importantes orientações para a área:

- i) as crianças demonstram grande interesse nos elementos naturais encontrados no parque, os mesmos favorecem sua imaginação e qualificam as brincadeiras, potencializam a criatividade e expandem o viver;
- ii) o parque possibilita acesso e exploração de diferentes elementos naturais permanentes, mas em constante transformação e outros eventuais, enriquecendo e qualificando as brincadeiras, imaginação e criação constitutivas do processo de humanização;
- iii) as unidades de Educação Infantil, como espaços públicos que acolhem diferentes crianças vindas de diferentes realidades sociais, têm a importante tarefa de enriquecer e garantir o acesso e o contato com os elementos naturais cada vez mais privatizados e mercantilizados, contrapondo-se à cultura do plástico, do descartável e do lucro;
- iv) iv) o enfrentamento do binômio natureza e cultura, rompendo com a lógica dualista, compreendendo que como humanos somos seres múltiplos na perspectiva de que cultura e natureza se interligam, como seres de natureza e cultura.

Cabral (2019), com um olhar dedicado e pensante, perscruta o cotidiano de 17 bebês e suas professoras de uma instituição de Educação Infantil pública, no qual analisou como o corpo dos bebês incide nas relações vividas no contexto da creche e como contorna a docência na Educação Infantil. Em seu estudo destacamos como importantes orientações para a área:

- i) o corpo dos bebês possui especificidades demarcadas por demandas/manifestações físicas, emocionais, sociais e culturais e que a constituição das relações no cotidiano da creche é entrelaçada com essas especificidades;
- ii) as demandas corporais dos bebês mobilizam a professora, demandando uma acolhida e resposta para o atendimento às suas necessidades. Esses encontros, marcados pelo reconhecimento das singularidades dos bebês, são orientadores de suas ações, dando contornos constitutivos de uma docência que é relacional ao mesmo tempo em que incidem na constituição subjetiva dos bebês;
- iii) os bebês vivem o mundo corporalmente; conhecem, experimentam, agem, apreendem o mundo com o corpo inteiro, sendo o movimento um aspecto importante no processo de desenvolvimento de cada indivíduo. A partir de

seus movimentos as crianças interagem, comunicam e expressam e estabelecem relações com os outros e com o espaço físico e sociocultural.

O referencial teórico dos estudos em questão parte da Pedagogia da infância e realizam uma interlocução disciplinar intensa, em que se destacam a recorrência deste diálogo com a Sociologia da Infância, a Antropologia da Criança, a Psicologia Histórico-Cultural e a Filosofia.

As pesquisas destacam que as crianças vivem suas experiências com e no corpo, isso cabe para qualquer momento da vida, mas na infância esse corpo apenas chegado ao mundo se expande e cresce vertiginosamente se comparado a outro momento da vida. Avido por descobrir e descobrir-se, se lança ao mundo e encontra os confrontos de disciplinamento e limitações de uma ordem social em que apenas é chegado.

Os estudos reafirmam o papel fundamental da ausculta, em que são reconhecidas todas as diferenças implicadas na comunicação humana, estabelecendo assim o paradigma da escuta,

[...] o termo ausculta não é apenas uma mera percepção auditiva nem simples recepção da informação - envolve a compreensão da comunicação feita pelo outro. Inclui a recepção e compreensão, que, principalmente neste caso - o da escuta da criança por adulto sempre passará por uma interpretação. Tal análise da expressão oral do outro/ criança orienta-se pelas próprias intenções colocadas nessa relação comunicativa - lembrando que, quando o outro é uma criança, a linguagem oral não é central nem única, mas fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais (ROCHA, 2008, p. 45).

Esses estudos recentes somam às produções do NUPEIN contribuições importantes que vão lapidando nossa compreensão sobre pesquisar crianças e sua educação, eles alargaram nossa capacidade de compreensão da heterogeneidade da infância, reconhecendo que a infância, como categoria analítica, não apaga nem retira as diferenças internas, as diferentes categorias constituem as crianças e suas infâncias. Na busca de visibilizar estes marcadores, não os tomando aprioristicamente e sim em e com os contextos/sujeitos pesquisados, as pesquisas dedicaram esforços para realizar o entrecruzamento das categorias, com acento ao de criança-adulto pelo interesse em pensar a docência relacional que defendemos.

NESTE FIM...

O ponto de vista das crianças é imprescindível para a docência na Educação Infantil. A proposta é acentuar a participação das crianças nas práticas pedagógicas, valorizando sua contribuição geracional. Para tanto, a *ausculta* é imprescindível, onde

a observação, escuta e ausculta aguçadas, atentas, intencionais e sistemáticas dos modos próprios pelos quais as crianças comunicam seu ponto de vista exigem um conjunto de conhecimentos e sensibilidade acerca delas para apreender todos os conteúdos expressos pelos diversos canais comunicacionais com particularidades expressivas. Essas estratégias são acompanhadas por uma prática de registro e documentação pedagógica constantes e diversos, em que documentamos e compartilhamos os pontos de vista das crianças com o coletivo que vivencia a instituição, e sua inclusão permite um permanente redimensionamento das relações educativo-pedagógicas compartilhadas na Educação Infantil. A contribuição das crianças, sua escuta, é estratégia para a *permanência* na construção da docência (AGOSTINHO; LIMA, 2015).

Desafios de ontem e de hoje seguem conosco, outros se somaram e somam em nossa trajetória de estudos, dentre eles vencer o adultocentrismo, intensificar a interseccionalidade das categorias, pluralizar as referências teóricas para além das advindas da Europa etc, resistir aos intensos ataques à ciência e à educação pública em nosso país atuais. No convívio-confronto em uma universidade pública durante estes anos vivemos, junto aos demais núcleos de pesquisa nacionais, a assoladora exigência do produtivismo com ênfase na meritocracia, que desaguam em uma competição acirrada entre os pares. Ademais, as exigências pela padronização/formatação de nossas publicações e ações tendem a fragilizar e empobrecer nossa imaginação/criação educacional, a capacidade e o fôlego de nossas relações mais sistemáticas com as redes públicas de ensino. Estes aspectos que incidiram e incidem sobremaneira na vida do NUPEIN e nos demais núcleos de pesquisa, enfraquecem nossas lutas e forças. Quais estratégias e mecanismos para a resistência? O tom comemorativo do texto não pode se furtar a enfrentar e explicitar o desmedido desafio que se avoluma em tempos de políticas de morte e pandemia.

Mas comemorar é re(existir)! Façamos, com a nossa alegria coletiva por essa trajetória de estudos, frente à desesperança – esperancemos! Trinta anos dedicados aos estudos e pesquisas da pequena infância, com um conjunto significativo de pesquisadoras/pesquisadores, juntos às redes e espaços públicos de educação e suas comunidades, com aprendizados importantes para a área. Traçamos um caminho de pensamento em que a educação dá atenção ao mundo e nele reconhece a Vida (SKLIAR, 2017) – Viva o NUPEIN!!!

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia Adair; LIMA, Patrícia. A docência na educação infantil: sobre os contornos da experiência pedagógica no encontro com as crianças. **Investigar em Educação**, Portugal, n.º 4, 2.ª série, 2015. Disponível em: <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/58/57>. >. Acesso em: 14 mai. 2020.

BATISTA, Rosa. **A rotina do dia-a-dia da creche:** entre o proposto e o vivido. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, 305 p.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Básica. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg, 1995.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 21 mar. 2020.

BRASIL. Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 23 dez. 2020.

BRASIL. Ministério Da Educação Conselho Nacional De Educação. Câmara De Educação Básica, Resolução Nº 5, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Disponível em: http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf. Acesso em: 28 dez. 2020.

CERISARA, Ana Beatriz. Em busca do ponto de vista das crianças nas pesquisas educacionais: primeiras aproximações. In: SARMENTO, Manuel Jacinto.; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.). **Crianças e Miúdos:** perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Edições ASA: Porto/Portugal, 2004, pp. 35-54.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância:** perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança:** A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MOSS, Peter. Introduzindo a política na creche: a educação infantil como prática democrática. In: **Psicologia - USP**, São Paulo, julho/setembro, 2009, 20(3), p. 417-436. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v20n3/v20n3a07.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil:** Trajetória recente perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil. Florianópolis: Teses (doutorado) NUP 2, UFSC/CED, 1999.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Porque ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: Silva Helena Vieira Cruz (org). **A criança fala:** a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, p. 43-51, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Construir a educação infantil na complexidade do real. **Revista Pátio – Educação Infantil**, 32, 2012. Disponível em: <<https://loja.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/7222/construir-a-educacao-infantil-na-complexidade-do-real.aspx>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

SKLIAR, Carlos. Entrevista a Carlos Skliar: Hay que volver a una escuela de la inutilidade. **La Voz**. Disponível em: <http://www.lavoz.com.ar/ciudadanos/entrevista-carlos-skliar-hay-que-volver-una-escuela-de-la-inutilidad>. Acesso em: 12 ago. 2017.

ZABALZA, Miguel Antonio. **Qualidade em Educação Infantil**. Tradução: Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

NOTAS

EM BUSCA DO PONTO DE VISTA DAS CRIANÇAS

In search of children's point of view

Kátia Adair **AGOSTINHO**
Doutora em Estudos da Criança pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho (Portugal)
Pós-Doutora pela FLACSO (Argentina)
Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Metodologia de Ensino
Florianópolis, Brasil
katia.ufsc@gmail.br
<http://orcid.org/0000-0003-0261-9790>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rodovia Jornalista Manoel de Menezes, 2480, Barra da Lagoa, CEP:88061-701, Florianópolis, SC, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: K. A. agostinho

Coleta de dados: K. A. agostinho

Análise de dados: K. A. agostinho

Discussão dos resultados: K. A. agostinho

Revisão e aprovação: K. A. agostinho

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 27-02-2021 – Aprovado em: 18-06-2021